

Os Sacramentos

Caros amigos,

Ninguém lança mão do arado e olha para traz!

Durante vários dias falamos do Genocídio de 1915 que culminou nas comemorações da triste lembrança dos nossos antepassados da nossa nação assíria hoje composta pelas Igrejas Sirian Ortodoxa de Antioquia, Assíria Ortodoxa do Leste e a Caldaica-Católica Romana, bem como algumas seitas protestantes. Ficou na imprensa televisiva e impressa de ter a impressão deste genocídio ter atingido tão só a nação armênia formada das Igrejas Armênicas Ortodoxa e Católica, isto porque a grande maioria dos mártires eram justamente armênios de origem e residentes na Turquia.

Convém ressaltar que neste Genocídio todos os cristãos da Turquia foram atingidos ou seja além das comunidades acima citadas também, os gregos do Ponto ou seja o que conhecemos como bizantinos ou rum ortodoxos.

O dia 24 de abril foi designado como o dia do início deste genocídio e neste ano na Armênia foi celebrado na presença dos líderes de todas as comunidades envolvidas no evento, inclusive esteve presente nosso Patriarca Mar Ignatius Afrem II, e, por incrível que pareça todo ano na Turquia comemora-se no dia 25 de abril a memória dos soldados mortos em combate em Gallipoli inclusive de soldados ingleses e australianos que combateram nesta guerra.

Pasmem! O governo turco para não dar ênfase a celebração do centenário do Genocídio de 1915 transferiu a sua data oficial da guerra de Gallipoli do dia 25 de abril para 24 de abril!

Mas, deixemos por ora este assunto para o próximo artigo.

Nosso objetivo neste contato é ampliar nosso conhecimento cultural-religioso, e observamos que falamos muito em sacramentos, sagrado, sacrifícios, sagradas escrituras e por aí vai...

Pois é chegado um momento em que temos de extrapolar nosso conhecimento para além do ouvirmos passivos estas palavras ou mesmo restringir-nos à catequese cristã, sem demérito ao trabalho específico desenvolvido por catequistas, pregadores, missionários, sacerdotes, teólogos todos estes vinculados à nossa doutrina cristã.

Abrir a janela do nosso conhecimento para informações mais amplas só nos solidifica na fé.

Vamos começar então pelo "sacramento" e entendamos que esta palavra é originária do latim "**sacramentum**" sendo um termo ambíguo teologicamente, pois, no direito romano era descrito como a sanção legal na qual o homem coloca sua vida ou propriedade nas mãos de poderes sobrenaturais que por sua vez mantinham a justiça e honrava os acordos solenes, mas, também sacramento no império romano era o juramento de fidelidade do soldado antes da batalha ao seu general.

Quando no terceiro século da nossa era Cristã foi introduzido na Igreja Católica Romana, usou--se a junção de duas palavras, a latina "**sacer**" - "**santo**" ou sagrado com a grega "**mysterion**" ou rito secreto; assim "**sacramentum**" ganhou o significado de "**mistério sagrado**" indicando um potencial espiritual.

O poder do sacramento no entender dos estudiosos era transmitido por instrumentos materiais ou veículos vistos como canais da graça divina e como benesses inerentes a regras rituais instituídos por Cristo.

Santo Agostinho define o sacramento como "**a forma visível da graça invisível**" ou "**o sinal de algo sagrado**".

O catecismo anglicano define como "*o sinal de algo sagrado*".

Nas Igrejas Orientais que usam o aramaico as palavras são **ROZE KADISHE** ou **SANTOS MISTÉRIOS**.

Ainda no Oriente alguns sábios traduzem os santos sacramentos como "*dádivas santas*", pois, em verdade os santos sacramentos são verdadeiras dádivas do poder espiritual maior - ou seja de Deus para a sua criatura, o homem, objetivando a remissão total ou a outorga em alguns casos de uma benesse exclusiva.

Numa visão mais ampla os sacramentos são de variados tipos como por exemplo iniciatórios, purificatórios, renovadores, comunhão, curas, cultos elevatórios; todos estes sintetizados na Igreja cristã tanto para as Ortodoxas de Oriente como a Católica Romana nos sete sacramentos - Batismo, Crisma ou Confirmação, Santa Eucaristia ou Comunhão, Confissão e Penitência, Ordens Sagradas, Matrimônio e Unção dos enfermos que inclui a Extrema-Unção.

Já as desinências protestantes a partir do século dezesseis aceitavam apenas dois sacramentos, o Batismo e a Eucaristia ou Santa Ceia.

Nas Igrejas tradicionais vinculadas historicamente às cátedras basilares de Antioquia, Roma, Alexandria e Constantinopla, o envolvimento de pessoa ou coisa com característica de sagrado é definitivamente designado "*sacramental*", assim por exemplo, batismo, confirmação e ordens sagradas incluem o uso de água sagrada, incenso, paramentos, velas, exorcismos, unção, persignação (fazer o sinal da Cruz), jejum, abstinência e caridade.

Observem que os sacramentos senhoriais como por exemplo a Santa Eucaristia não se incluem nos exemplos citados.

Num sentido mais amplo a palavra sacramento envolve um sinal ou símbolo envolvendo algo "escondido", misterioso e eficaz.

Extravasando a explicação cristã e de forma mais cósmica, o processo é visto por alguns como a passagem de um nível inferior para um mais elevado. Desta forma podemos dizer que todo o Universo tem um significado sacramental no qual o "*íntimo*" ou espiritual encontrar-se-á com o "*externo*" ou material num plano mais elevado.

Chegamos então à conclusão que a comunhão sacramental e a oferenda ou sacrifício quer seja de pão e vinho ou animal ou qualquer outro sinal ou símbolo de morte divina e ressurreição para benefício do homem, define dois ritos complementares combinados mas com histórias bem variadas

Não basta a consumação do sacrifício; se analisarmos as nações mais antigas constatamos a necessidade de existir sempre a dependência do mais fraco com o mais forte ou o inferior com o superior.

No caso do sacrifício animal ou humano torna-se fundamental a consumação da carne do sacrificado quer seja até mesmo um deus como no caso dos astecas no México - o consumo do cereal, o milho, tornando o tomador ou comedor num recipiente ou depositário da vida divina e das suas qualidades.

No paleolítico, por exemplo, aspergia-se o morto com sangue para garantir a transição da capacidade de caça para os mais jovens.

Já no Crescente Fértil ou Mesopotâmia, quando a agricultura e o pastoreio tornaram-se atividades fundamentais para a subsistência da humanidade, os princípios de sacralidade eram baseados na fertilidade do solo, seus produtos e na sucessão das estações do ano.

Até hoje na nossa Igreja Sirian Ortodoxa assim como na Caldaica-Católica temos um

canto de súplica a Deus pelas orações dos 12 apóstolos que pede para que as quatro estações do ano se cumpram nos 12 meses do ano, e que venham as chuvas abençoadas no verão e o outono a seu tempo... (baçlauothun daxlihe trehzar...)

Esta centralização fica evidente no quarto milênio antes de Cristo. O drama da morte e ressurreição baseiam-se no ciclo da fertilidade agrícola fazendo surgir os ritos de passagem e cerimônias onde o rei normalmente era o principal ator.

Já as idéias e práticas sacramentais na antiguidade greco-romana diferem totalmente dos cultos e mistérios sacramentais voltados à fertilidade na Mesopotâmia e no Egito.

Clemente de Alexandria, um dos santos padres da Igreja, faz referência à festividade em honra de Demétrio e sua filha Kore que lembra um festival agrícola, mas, efetivamente não existem referências mais esclarecedoras; já alguns gnósticos fazem referência a um festival pantagruélico de comer e beber que dificilmente pode ser designado de sacramental.

No sexto século antes de Cristo, ou talvez um pouco antes, a orgia religiosa dedicada a Dionísio, provavelmente originária da Trácia e da Frígia estabeleceu-se em toda a Grécia.

No rito dionisíaco as mulheres possuídas pelo espírito de Dionísio através da música e danças tumultuadas, vinho abundante, ingeriam lascas de carne animal assada e como ato final a "*bacanália*" acontecia.

Logicamente estes atos materiais de forma alguma poderiam ser considerados sacramentais, pois, não envolviam uma elevação espiritual a exemplo dos ritos mesopotâmicos.

Os gregos da antiguidade acabaram abraçando a teoria indo-ariana da passagem da alma para outro corpo apesar de já existir a crença na

vida pós morte na Mesopotâmia e no Egito, mas, no Oriente Médio, na forma de manutenção do próprio corpo, a idéia de reencarnação em outro corpo ganha força só na Índia e na Grécia.

Esta idéia da reencarnação ganha força em função da fragilidade espiritual e força excessiva da preocupação material e conseqüentemente da incapacidade do desprendimento material do homem e agregar a idéia da ressurreição o que por sua vez não permite perder a identidade única.

Justamente esta característica de transição da alma de um corpo para outro, ou seja da reencarnação, não permite o desenvolvimento da ritualística sacramental. O que é tido como sacramental resume-se ao suco fermentado de uma planta que na tradição védica chama-se "*soma*" comparável ao "*ambros*" da Grécia ou o "*kava*" dos polinésios ou o "*haoma*" dos iranianos ou persas.

No zoroastrismo o "*haoma*" (em sânscrito - *soma* - da raiz "*su*" ou "*bu*" de *espremer*) é o nome dado à planta amarela da qual se extrai o suco e consumido na cerimônia "*Yasnd*" em honra às deidades.

"*Haoma*" era visto por Zoroastro como o filho do senhor sábio e criador "*Ahura Mazda*" e sumo sacerdote do culto. Acreditava-se que tinha encarnado na planta sagrada e marcado para morrer para dele extrair o suco vivificador para aqueles que o consumissem ganhavam a imortalidade. "*Haoma*" ainda era visto como intermediário do divino e do humano e sumo sacerdote, assim ganhava um espaço sacramental significativo no **mitraísmo** ou adoração a **Mitra** - deus indo-iraniano da luz.

Na Mesopotâmia entre os povos assírio-babilônios a ressurreição ganha força na mitologia do deus Tamuz que acompanhando as estações do ano morre, e, depois a deusa Istar

[as1] Comentário:

vai buscá-lo no reino das trevas ressuscitando na primavera.

Poderíamos ainda discorrer sobre o festival do sol no Peru ou mesmo rituais dos cereais indígenas do Mississipi, mas voltemo-nos para a prática e teologia dos sacramentos cristãos.

Sem dúvida os sacramentos ganham no cristianismo destaque único tornando-se o sistema fundamental institucional na perpetuação da união do divino e do humano na pessoa de Jesus Cristo que é definida por sua vez como o corpo místico de Cristo.

O batismo como rito de iniciação tomou o lugar da circuncisão no judaísmo onde o costume antigo e primitivo era sinal de aliança e injunção legal mais do que uma definição sacramental.

A imersão batismal na água era praticada por facções do judaísmo por algum tempo antes da queda de Jerusalém em 70 depois de Cristo.

Foi adotado por João Batista como principal sacramento no seu movimento messiânico.

Convém lembrar que o rito da purificação não é exclusividade do judaísmo, pois, já existia em diversos rituais mesopotâmicos.

A purificação proposta por João Batista, no entanto, no cristianismo foi o protótipo do sacramento batismal em função do batismo de Jesus no rio Jordão e no imaginário do evento equivale à morte e ressurreição.

A distinção entre a água do batismo do Batista e no batismo cristão está no batismo espiritual da Igreja Apostólica.

Por influência do apóstolo Paulo, o rito cristão ganha a interpretação em termos de mistério religioso e o catecúmeno ou iniciado era identificado com a morte e ressurreição de Jesus. A ressurreição no sacramento batismal é o renascer a Igreja em união com o Senhor ressurreto.

A Confirmação ou Crisma, segundo sacramento do cristianismo inicialmente no ocidente baseava-se apenas na imposição da mão apostólica (sacerdotal) no selo do Espírito.

No ocidente só no quarto século a confirmação foi separada e tornou-se uma unção com uso de óleo administrada pelo bispo.

Nas Igrejas Orientais como a nossa Sirian Ortodoxa de Antioquia, o Crisma é ministrado pelo sacerdote como confirmação do batismo logo depois do ministério do batismo.

Inicialmente a criança é ungida com o óleo da Felicidade para depois ser submetida à imersão e em seguida ungida com o óleo do Crisma.

As Igrejas ocidentais, a Católica Romana e a Anglicana só ministram o Crisma depois de instruído o catecúmeno.

Por acordo ecumênico as Igrejas Orientais, a Católica Romana e a Anglicana aceitam que os ministérios do Batismo e Crisma só podem ser ministrados uma única vez.

As Igrejas protestantes como não têm o Crisma tem seu batismo aceito em alguns casos, mas o fiel para seguir num outro sacramento precisará ser crismado pela Igreja que o aceita.

A Eucaristia assim como o Batismo tem grande importância, pois, são considerados Sacramentos Senhoriais ou seja instituídos diretamente por Jesus Cristo.

Este sacramento recebe diversas designações, no grego - **eucaristia** quer dizer ação de gratidão; **missa** no latim; **kurbono** em aramaico - oferenda; e tem como objetivo o milagre da transformação do pão e do vinho no corpo e sangue de Jesus Cristo para partilha deste corpo entre os fiéis.

Em verdade a partilha do pão é o ato central da Ceia do Senhor na noite da traição de Cristo na quinta-feira que precede sua crucificação. Foi

nesta noite que os elementos pão e vinho foram identificados como corpo e sangue de Cristo na instituição, portanto da Eucaristia com seus discípulos selando uma nova aliança.

Claro que aqui não estamos usando os termos canônicos uma vez que se trata mais de uma explanação voltada muito mais para a análise histórica dos fatos.

Quando estudamos algum tema do ponto de vista cultural a liberdade de expressão também tem de ser cuidadosa para não inferir erros interpretativos.

A "presença real", isto é o Cristo em corpo e sangue no pão e vinho, tem tido diferentes interpretações como figurativa ou simbólica, mas o senso sacramental, como "*anamnese*" ou **lembrança diante de Deus** na oferenda sacrificial na cruz sempre foi aceita de forma indubitável.

Gradativamente a teologia eucarística toma forma na Igreja Primitiva Apostólica sem muita controvérsia ou formulação. No Novo Testamento nos três relatos dos primeiros três livros chamados Evangelhos Sinóticos, tem em comum a mesma fonte e o mesmo ponto de vista. Só São Paulo, o apóstolo, registra em sua primeira carta aos coríntios alerta sobre os abusos que ocorrem por parte de algumas congregações em que combinavam a refeição comum com a eucaristia a exemplo do "*haoma*" iraniano. Paulo corrige este desvio trazendo o "*ágape divino*" para o campo sacramental alertando para o verdadeiro rito do sacrifício de pão e vinho.

O cristianismo essencialmente aceita a transformação do pão e vinho no Corpo e Sangue de Cristo e que os fiéis batizados e crismados comungam. Isto ocorre como dissemos nas Igrejas das Catedras Basilares, no entanto, algumas seitas não aceitam esse sacramento senhorial como no caso dos adventistas, exército da salvação, mórmons e

outros.

Confissão e arrependimento - na sua formulação a doutrina cristã da conciliação exige uma mudança de status do fiel penitente e isto tem de ocorrer de forma sacramental.

O poder de **atar e desatar** consoante outorga direta de Cristo ao seu discípulo Pedro e aos demais discípulos dá o poder à Igreja de ordenar exercícios penitenciais principalmente no mundo romano no terceiro século do cristianismo.

Estes exercícios penitenciais incluíam jejuns, uso de roupas rústicas (sacarias), deitar em cinzas e outras formas de mortificação do corpo além da prática forçada da caridade e até da excomunhão temporária. Detalhes de pecados eram contados secretamente ao sacerdote que por sua vez poderia pronunciar a absolvição ou impor uma pena. Este tipo de atitude redundou em excessos como peregrinações forçadas e indulgências que por sua vez deram base para a reforma protestante.

Já nas Igrejas Orientais manteve-se a conduta original do sacerdote no sacramento confessional onde o confessor tinha obrigação de orientar e principalmente perdoar sem nenhum objetivo direto ou indireto no campo material.

Já as ordenações são para a Igreja o processo contínuo da delegação através da imposição das mãos dos bispos aos novos padres a fim terem estes também o poder de ministrar os sacramentos aos fiéis. Este poder segundo a Igreja emana diretamente do Cristo para os apóstolos e deles para seus sucessores formando assim o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedec e não mais segundo a ordem de Aarão, irmão de Moisés.

Paulo em essência é quem define este novo sacerdócio; um sacerdócio desvinculado

totalmente de laços familiares ou mesmo do mundo material.

Cristo já antecipa esta condição quando afirma:

"Ninguém lança mão do arado e olha para trás!"

O sacerdote no sacrifício ou sacramento é o veículo que pode auferir o ministério dos sacramentos como o batismo, a crisma, a consagração da Eucaristia, a absolvição, a bênção, mas, tem de se lembrar que assim como ele sacerdote recebe este poder ou direito, pode a Igreja tirar-lhe este poder desde que haja condição ou razão suficiente para tanto.

Na nossa Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia no hino que celebra a lembrança dos sacerdotes finados, 10 semanas antes do Natal, fala do sacerdote quando abre as portas da Igreja abre os portões do Paraíso, e, portanto aos olhos de Deus e da Igreja é maior que os anjos.

Efetivamente a Igreja é a única porta de entrada para o Cristianismo e o sacerdote seu guardião.

O matrimônio aos olhos da Igreja Cristã é uma instituição social entre um homem e uma mulher elevada ao nível de sacramento, pois, entende a igreja que tem origem divina tornando-se indissolúvel, pois, esta união é tipificada na união de Cristo e a Igreja. O Cristo como noivo e a Igreja como noiva.

Nos dias de hoje é preciso ter coragem e convicção de afirmar que isto é uma verdade e não há como aceitar distorções que em determinados tempos a sociedade quer impor para facilitar omissões, erros ou mesmo o que a Igreja define como pecado.

A cura dos enfermos ou unção dos enfermos é um rito como os demais ou seja um rito sacramental de passagem como o nascimento e a morte, do mesmo modo como acreditavam os antigos povos mesopotâmicos nos seus mitos de fertilidade - sementes e colheitas, etc....

No cristianismo a unção dos doentes era muito praticada desde os tempos apostólicos. Juntamente com as bênçãos, destinava-se a cura dos enfermos ou para fortificar a fé dos fiéis no seu rito de passagem para a vida eterna ou a fé na ressurreição.

A crença da cura espiritual é reconhecida na Igreja Cristã desde que praticada de forma discreta sem alardes propagandísticos.

Na nossa Igreja Sirian Ortodoxa além das diversas bênçãos e unções para os enfermos existe um ritual específico para o enfermo designado "*Kandilo*" ou candelabro onde os sacerdotes dirigem-se à casa do enfermo e fazem uma massa de pão comum redonda e nesta massa crua o sacerdote celebrante faz quatro furos, enche os furos com óleo e neste óleo coloca quatro lamparinas de pavio. Inicia-se o ciclo de orações e súplicas em prol do enfermo e a cada grupo de orações apagam um dos candelabros unguendo o enfermo.

Segundo a crença popular se algum pavio apagar antes da oração atinente a este pavio é sinal da proximidade da morte do enfermo.

Claro que a partir desta crença este tipo de bênção dos enfermos caiu no esquecimento. No entanto, entre os sacerdotes mais idosos, sempre buscam pedir esta cerimônia quando sentem o aproximar do fim da vida terrena.

Meu pai, Ibrahim Gabriel Sowmy, diácono, mandou trazer um livro deste ritual manuscrito pelos monges do mosteiro nas montanhas da Turquia, atualmente este livro está na biblioteca dele doada à Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria em São Paulo.

No século passado muitos sacramentos tiveram seus rituais simplificados com o intuito de facilitar e aproximar ainda mais o fiel da Igreja e conseqüentemente da aceitação dos sacramentos.

Caros amigos,

Falamos de sacramentos e conseqüentemente precisamos definir o que é *sagrado ou santo*.

Os religiosos entendem que o sagrado tem o poder de realizar uma transformação efetiva na vida do homem ou no seu destino.

Termos como divino, transcendente, realidade, mistério e perfeição ou pureza tem sido usado nesta área...

Mas isto é uma conversa para uma outra vez...

Aguardem!

Aniss Ibrahim Sowmy
24 de abril de 2015
Centenário do Genocídio Assírio 2015

